

Dom Fisichella defende a morte

Monsenhor Rino Fisichella, Arcebispo Presidente da Pontifícia Academia pela Vida, acaba de publicar um artigo, no Osservatore Romano, --- abaixo reproduzido --- no qual critica o Arcebispo de Olinda e Recife por ter declarado excomungados os médicos e a mãe de uma menina em quem foi feito um duplo aborto de gêmeos.

O caso causou grande celeuma.

Uma menina de nove anos era violentada, há muito tempo, por um jovem de 23 anos que vivia com a mãe dela, mulher de 42 anos. Ainda pior, esse criminoso abusava também de outra filha de sua amásia. E esta sua segunda vítima, também menina, era doente mental. Parece quase impossível que a mãe das meninas não soubesse do que acontecia em sua casa.

A menina de nove anos ficou grávida de dois gêmeos.

A mãe consentiu que os médicos executassem o duplo aborto dos gêmeos gerados por incesto e estupro continuado.

A Arquidiocese de Olinda e Recife deu toda assistência à menina e à mãe dela, para que não fizessem o aborto. Não adiantou. O duplo aborto foi realizado. Dom José Cardoso Sobrinho, digníssimo Arcebispos de Olinda e Recife, declarou então que de acordo com o Código de Direito Canônico, estavam excomungados os médicos que realizaram o aborto e a mãe da menina, que consentira na perpetração desse crime.

Nada mais correto.

A mídia clamou aos infernos vingança contra o Arcebispo de Olinda e Recife que simplesmente declarara o que a lei da Igreja comina nesses casos.

Alguns Bispos da França apressaram-se a criticar Dom José Cardoso Sobrinho.

Foi então que saiu o artigo de Monsenhor Fisichella no Osservatore Romano, choramingando amor demagógico pela menina, e criticando o Arcebispo que declarara aplicada a lei da Igreja. Menina a quem ele dá o nome fictício de Carmen, nome típico espanhol e não português, ou brasileiro.

Que o Presidente da Academia Pontifícia pela Vida, nomeado para esse cargo para combater o aborto, fizesse uma velada defesa, sentimental e demagógica, do crime de aborto, e no jornal oficioso do Vaticano, é uma vergonha e um escândalo.

O que moveu Dom Fisichella a defender sentimentalmente o duplo aborto praticado em Recife? Sentimentalismo romântico? Covardia em defender a lei da Igreja? Vergonha de enfrentar o mundo moderno e sua mídia?

Quer tenha sido por sentimentalismo, quer por covardia ou por respeito humano pela mídia, o que Monsenhor Fisichella fez foi uma escandalosa e vergonhosa traição ao Papa Bento XVI, que combate valentemente o aborto.

O primeiro parágrafo do artigo de Monsenhor Fisichella é dedicado, todo ele, a uma exibição oca e sentimental de “amor” pela menina ultrajada. O amor verdadeiro, -- a caridade -- exige que se queira o bem por amor de Deus, e que se odeie o mal. Não há amor sem ódio, explica São Tomás. Se se ama a vida, se odeia a morte. Se se tem amor à virtude se odeia o pecado. Caso se ame a verdade, tem-se ódio da mentira. Quem ama o doce, odeia o amargo. Monsenhor Fisichella, porém, não sabe e não pratica isso, porque é seguidor do modernista Urs Von Balthasar, e não de São Tomás.

Ele quer mostrar um amor choroso pela menina. Diz que quer olhar fixamente os olhos dela, abraçá-la, acariciá-la com doçura, e etc. Como num filme ou novela sentimental. Mas, esse Monsenhor vaticanês não demonstra qualquer ódio ou repulsa pelo estuprador incestuoso.

Estranho amor sem ódio.

Esse primeiro parágrafo de Monsenhor Fisichella é totalmente sentimental e demagógico. Sim, demagógico. Porque esse Arcebispo que deveria combater o aborto discorre do que não sabe. E não tem nenhuma manifestação de amor sobrenatural. Nada diz sobre a alma da menina. É um texto sem elevação espiritual, como deveria ser um texto de um sacerdote. É um texto naturalista.

O que Monsenhor Fisichella manifesta é pura filantropia naturalista pois que afirma que se deve devolver à menina: *“um nível de humanidade do qual nós homens de Igreja deveríamos ser peritos anunciadores e mestres”*.

Ora, o objetivo dos sacerdotes é, antes de tudo e primordialmente, salvar as almas. Peritos em proporcionar *“nível de humanidade”* é o que pretendem ter os membros de certas lojas. Esse não é e não pode ser o objetivo principal dos sacerdotes de Cristo.

Monsenhor Fischela critica a atitude do Arcebispo de Olinda e Recife, como se este só tivesse excomungado os abortistas, por ato ou por consentimento, não tendo dado nenhuma assistência à menina vítima.

Ora, a Cúria de Olinda e Recife, num comunicado contra Monsenhor Fisichella, demonstrou que foi dada a essa menina toda a caritativa assistência da Igreja.

Monsenhor Fisichella fala do *“jovem padrasto”* sem nenhuma condenação por ela abusar de duas meninas, sendo uma delas doente mental. Mas, o Arcebispo Fisichella não tem uma palavra de condenação para esse criminoso.

Ora, como dissemos, o amor por alguém, sendo sincero, combate o mal daquele que ama. Esse Arcebispo — Rino para os íntimos — não tem nenhuma demonstração de condenação do criminoso. Logo, seu amor pela menina é pura exibição jornalística. E ele discorre como se não existissem tantos outros casos de violentação e profanação de inocentes...

Mas, se ele não tem palavras duras para com o criminoso é porque ele as reserva para o Arcebispo que condenou o aborto. Ele acusa o Arcebispo de Olinda e Recife de insensibilidade para com a menina, de pressa e falta de tino, em sua condenação do aborto.

Dom Fisichella tem palavras simpáticas para com os médicos que fizeram o aborto. Dom Rino diz que os médicos ajudaram a menina "***a interromper a gravidez***".

Como esses Monsenhores modernistas são hábeis em substituir a palavra aborto -- que indica um crime -- por um circunlóquio cheio de doçura camufladora. O que foi feito em Recife não foi bem aborto. Foi interrupção de gravidez.

Puro cinismo.

Monsenhor Fisichella apresenta os médicos que fizeram o duplo aborto --a interrupção de gravidez-- angustiados ao terem que tomar a decisão de fazê-lo ou não. Ele os diz sós, sem assistência em sua dolorosa escolha. Como se a Igreja jamais tenha pensado nisso, e jamais tivesse dado orientação segura para esses casos.

Diz Dom Fisichella que "*Ninguém, de todo modo, chega a uma decisão deste tipo com desenvoltura; é injusto e ofensivo o pensar só nisso*".

Mas, hoje, esses médicos se riem da excomunhão, dizendo que como fazem abortos há muito tempo, sabem que já foram muitas vezes excomungados...

Só Monsenhor Fisichella não sabe o que pensam os médicos abortistas...

E é para com eles cheio de rapapés:

“O respeito devido à profissão do médico é uma regra que deve envolver a todos e não pode consentir de chegar a um juízo negativo sem primeiro ter considerado o conflito que se criou em seu íntimo. O médico carrega consigo a sua história e a sua experiência; uma escolha como aquela de ter que salvar uma vida, sabendo que coloca em sério risco uma segunda vida, jamais é vivida com facilidade””

Mas para com Dom José Cardoso Sobrinho, Monsenhor Fisichella não tem respeito por sua vida eclesial e nem por sua experiência e prudência.episcopal e sacerdotal.

Para cobrir-se da acusação de defender o aborto — a interrupção de gravidez — Monsenhor Fisichella prudentemente diz o contrário do que defende insinudadamente em todo o seu artigo:

“A moral católica tem princípios dos quais ela não pode prescindir, mesmo se o quisesse. A defesa da vida humana desde a sua concepção pertence a um destes e se justifica pela sacralidade da existência”.

Diz ainda:

“O aborto provocado sempre foi condenado pela lei moral como um ato intrinsecamente mau e este ensinamento permanece imutável em nossos dias desde os primórdios da Igreja”.

E chega até a lembrar que *“O concílio Vaticano II na Gaudium et spes - -(...) usa de modo inesperado palavras inequívocas e duríssimas contra o aborto direto”.*

Que coisa !

Até o Vaticano II -- de modo *“inesperado”*-- usou *“palavras inequívocas e duríssimas contra o aborto direto”.*

Quem diria!.

Até Monsenhor Fisichella se espanta com isso.

Mas inesperadamente, embora reconheça que o Código de Direito Canônico condena com excomunhão quem faz o aborto ou nele consente, Monsenhor Fischella considera que *“não havia necessidade, de tanta urgência e publicidade de declarar um fato que se realiza de modo automático”*.

Portanto, que Dom Jose Cardoso Sobrinho não deveria ter lembrado que os médicos e a mãe da menina estavam excomungados.

No fundo, Monsenhor Fisichella defendeu serpentinamente o aborto, - perdão --, o que ele chama pudica e hipocritamente de *“interrupção de gravidez”*

Esse Arcebispo, Monsenhor Rino Fisichella, deveria ser Presidente da Anti Pontifícia Comissão Herodiana da Morte. Jamais da vida. O Papa deveria demiti-lo imediatamente de suas funções, por defesa velada do aborto e por exibicionismo demagógico, traidor da moral católica e do que o Papa insiste em defender, a vida, e em condenar, o aborto.

São Paulo, 19 de Março de 2009, festa de São José.

Orlando Fedeli

PS.

O DELÍRIO É CONTAGIANTE. AGORA JÁ TEMOS UMA TRINDADE DELIRANTE:

Dom Williamson, Monsenhor Fisichella e Padre Tanouarn

Havíamos apenas concluído este artigo, quando nos chegou a notícia de dois comentários do Padre Tanouarn, do IBP, apoiando Mons. Fisichella. Padre Tanouarn agora é Doutor em Filosofia. O que lhe parece garantir o direito de ser bem confuso e tortuoso no que escreve.

Philophie [moderne] oblige...

“Oscura, erética e nebulosa” filosofia [moderna]...

Tanto che, per ficar lo viso a fondo,

Non vi si dircenea alcuna cosa”...

Já não bastava a declaração delirante de Dom Williamson—cuja culpa a mídia fez recair sobre o Papa, tivemos depois o comentário vergonhoso de Monsenhor Fisichella no Osservatore Romano. E Padre Tanouarn atribui a responsabilidade do pensamento fisichellesco ao próprio Papa Bento XVI. Pois, se Monsenhor Fisichella tem cargo no Vaticano, e escreveu no Osservatore Romano, Padre Tanouarn se apressa a concluir o pensamento fisichellesco ao próprio Papa Bento XVI.

Por fim, os dois comentários de Padre Tanouarn, com alusões nitschezeanas, e aderindo à tese de Monsenhor Fisichella, com afirmações absurdas, cheirando a luteranismo, como a de que *“a Igreja não propõe aos homens uma moral, ela propõe a fé”*, vão levar, a algum sedevacantista de plantão ante seu computador, a concluir que Bento XVI é culpado pelos delírios pseudo filosóficos modernos do Padre Tanouarn. Pois se o IBP foi feito pelo Papa Bento XVI, e o Padre Tanouarn disse, e diz, bobagens, o responsável teria que ser Bento XVI.

Pobre Papa Bento XVI que seria responsável e culpado por todos os delírios e tolices que Bispos, Monsenhores e Padres da esquerda e da direita dizem por aí. Para regozijo dos “teólogos” da Internet, isto é dos desempregados que nada tendo que fazer, passam o dia consultando a web, e, depois, emitem juízos solenes e anatematismos contra o Papa.

E o depõe, sentando-se eles no trono de São Pedro.

Pensando bem, propriamente o sede vacantismo é apenas momentâneo, pois logo que

depõem o Papa, os sede vacantistas se apressam a se sentar no trono pontifício.

Desse modo a sede nunca está vacante. OF

Ficando do lado da menina brasileira

de Rino Fisichella

Arcebispo presidente da Pontifícia Academia pela Vida

O debate sobre algumas questões freqüentemente se torna acirrado e as diferentes perspectivas nem sempre permitem considerar quanto a aposta em jogo seja verdadeiramente grande. É este o momento no qual deve-se olhar para o essencial e, por um momento, deixar de lado o que não toca diretamente ao problema. O caso na sua dramaticidade é simples. Há uma menina de apenas nove anos – nós a chamaremos de Carmen - que devemos olhar fixamente nos olhos sem distrair o olhar nem por um instante, para fazer-lhe entender quanto se lhe quer bem. Carmen, em Recife, no Brasil, foi repetidamente violentada pelo seu jovem padrasto, ficou grávida de dois gêmeozinhos e não terá mais uma vida fácil. A ferida é profunda porque a violência de todo gratuita a destruiu por dentro e dificilmente lhe permitirá no futuro olhar os outros com amor.

Carmen representa uma história da violência cotidiana e ganhou as páginas dos jornais só porque o Arcebispo de Olinda e Recife apressou-se em declarar a excomunhão para os médicos que **a ajudaram a interromper a gravidez**. Uma história de violência que, entretanto, teria passado despercebida, tanto se está habituado a suportar cada dia fatos de uma gravidade inigualável, se não fosse pela gritaria e as reações suscitadas pela intervenção do Bispo. A violência contra uma mulher, já de si grave, assume uma gravidade ainda mais lamentável quando a sofrida é uma menina, com o agravante da pobreza e da degradação social em que vive. Não há linguagem correspondente para condenar tais episódios, e os sentimentos que deles derivam são freqüentemente uma mistura de raiva e de rancor que adormecem somente quando realmente é feita justiça e a pena aplicada ao delinqüente do caso tem a certeza de ser descontada.

Carmen devia ser defendida em primeiro lugar, abraçada, acariciada com doçura para fazê-la sentir que estávamos todos com ela; todos, sem distinção alguma. Antes de pensar na excomunhão era necessário e urgente salvaguardar a sua vida inocente e trazê-la a um nível de humanidade do qual nós homens de Igreja deveríamos ser peritos anunciadores e mestres. Assim não foi feito e, todavia, a credibilidade do nosso ensinamento se ressentiu disso e ele aparece aos olhos de tantos como insensível, incompreensível e privado de misericórdia. É verdade, Carmen trazia dentro de si outras vidas inocentes como a sua, ainda que frutos da violência, e elas foram supressas; isto, todavia, não basta para fazer um juízo que pesa como um cutelo.

No caso de Carmen encontraram-se a vida e a morte. Por causa da muito jovem idade e das condições de saúde precárias a sua vida estava em sério perigo pela gravidez em ato. Como agir nesses casos? Decisão árdua para o médico e para a própria lei moral. Escolhas como essa, ainda que com uma casuística diferente, repetem-se quotidianamente nas salas de reanimação e a consciência do médico se acha só consigo mesma no ato de ter que decidir o que seja melhor fazer. Ninguém, de todo modo, chega a uma decisão deste tipo com desenvoltura; é injusto e ofensivo o pensar só nisso.

O respeito devido à profissão de médico é uma regra que deve envolver a todos e não pode consentir de chegar a um juízo negativo sem primeiro ter considerado o conflito que se criou em seu íntimo. O médico carrega consigo a sua história e a sua experiência; uma escolha como aquela de ter que salvar uma vida, sabendo que coloca em sério risco uma segunda vida, jamais é vivida com facilidade. Certo, alguns se habituem às situações assim de modo a nem sentir mais nem emoção; nestes casos, porém, a escolha de ser médico é degradada a somente uma profissão vivida sem entusiasmo e suportada passivamente. Fazer de toda a erva um só feixe, entretanto, além de incorreto seria injusto.

Carmen recolocou um caso moral dos mais delicados; tratá-lo despachadamente não faria justiça nem à sua frágil pessoa nem a quantos se envolveram a títulos a diversos na questão.

Como todo caso singular e concreto, de todo modo, ele merece ser analisado na sua peculiaridade, sem generalizações. A moral católica tem princípios dos quais ela não pode prescindir, mesmo se o quisesse. A defesa da vida humana desde a sua concepção pertence a um destes e se justifica pela sacralidade da existência. Todo ser humano, de fato, desde o primeiro instante traz impressa em si a imagem do Criador, e por isso estamos convencidos que lhe devem ser reconhecidos a dignidade e os direitos de toda pessoa, primeiro entre todos o da sua intangibilidade e inviolabilidade.

O aborto provocado sempre foi condenado pela lei moral como um ato intrinsecamente mau e este ensinamento permanece imutável em nossos dias desde os primórdios da Igreja. O concílio Vaticano II na *Gaudium et spes* - documento de grande abertura e sagacidade com

referência ao mundo contemporâneo - usa de modo inesperado palavras inequívocas e duríssimas contra o aborto direto. A própria colaboração formal constitui uma culpa grave que, quando é realizada, leva automaticamente à exclusão da comunidade cristã. Tecnicamente, o Código de direito canônico usa a expressão *latae sententiae* para indicar que a excomunhão atua no exato momento em que o fato ocorre.

Consideramos que não havia necessidade, de tanta urgência e publicidade de declarar um fato que se realize de modo automático. Sente-se que o que mais se necessita principalmente é neste momento o sinal de uma testemunho de proximidade com quem sofre, um ato de misericórdia que, mesmo mantendo firme o princípio, é capaz de olhar além da esfera jurídica para alcançar o que o próprio direito prevê como finalidade de sua existência: o bem e a salvação de quantos crêem no amor do Pai e de quantos acolhem o Evangelho de Cristo como as crianças, que Jesus chamava para junto de si e apertava entre seus braços dizendo que o reino dos céus pertence a quem é como elas.

Carmen, estamos a seu lado. Partilhamos consigo o sofrimento que você teve, quereríamos fazer de tudo para restituir sua dignidade da qual você foi privada e o amor do qual você terá ainda mais necessidade. São outros os que merecem a excomunhão e o nosso perdão, não quantos permitiram que você vivesse e que lhe ajudarão a recuperar a esperança e a confiança. Não obstante a presença do mal e a maldade de muitos.

[Tradução e destaques: Montfort]